

## Um Regresso Especial

Henry Charles era um soldado britânico, de estatura média, ruivo e de cara muito enrugada (provavelmente por causa do frio). Era um dos mais novos do exército. Já tinha conseguido sobreviver quase a um longo ano na Grande Guerra. Após os duros meses que passara exposto ao clima de terror e sofrimento nas trincheiras, a única coisa de que verdadeiramente precisava era de paz.

Dezembro, 1916. O rapaz só pensava no Natal; tinha, mais do que nunca, saudades da família. Apesar do grande exército que o rodeava, sentia-se só por estar longe da sua mulher. Henry só conseguia refletir nestes pensamentos e estava disposto a fazer de tudo para conseguir libertar-se daquela vida que fora obrigado a adotar. Tinha de conseguir fugir, ainda que muitos obstáculos atingissem a sua esperança. À medida que o tempo passava, a sua cabeça enchia-se de ideias de como escapar à guerra. Estabeleceu um plano.

Tinha chegado o dia de um importante ataque contra as tropas alemãs. Henry preparava-se para se despedir das trincheiras enquanto todos os seus companheiros corriam, disparando em todas as direções, numa banda sonora ensurdecadora. Henry sabia que esta seria a sua única oportunidade. Apesar de conhecer o risco que enfrentava, o jovem correu sobre o campo de batalha sem olhar para trás. Afastou-se o mais que pôde. Os soldados, demasiado preocupados em tentar manter a sua vida, nem repararam no sucedido. Mal conseguiu chegar a um local mais tranquilo, recorreu ao seu mapa. Estava próximo de uma rota de ambulâncias que transportavam os doentes graves para o hospital de campanha de Brighton, a cidade onde vivia. Tinha somente de caminhar mais um pouco.

Enquanto caminhava sobre as planícies destruídas, conseguia sentir o cheiro a pólvora ressequida das bombas que explodiam na superfície e que lhe traziam à memória o aroma do peru tostado que saía do forno todos os Natais. Nas árvores carecas e arrasadas que ainda se viam de pé, conseguia imaginar a sua árvore de Natal, decorada com os enfeites mais deslumbrantes.

Chegou à estrada de terra batida, tal como planeara. Ainda que extremamente assustado e ansioso, Henry, com os dedos a tremerem enquanto os colocava no gatilho, apontou a arma para o seu ombro. De um momento para o outro, sentiu o seu uniforme

afundar-se num autêntico mar vermelho. Não conseguia agora mexer o braço e, numa angústia dolorosa, acabou por se deixar cair no chão enlameado, sulcado pelos pneus das ambulâncias, aguardando por auxílio. Uma ambulância de campanha resgatou-o, já sem sentidos, desmaiado devido à intensa dor e ao frio húmido que conquistaram o seu corpo.

Alcançou o tão almejado hospital após uma longa viagem. No dia seguinte, sentindo o frenesim das urgências, Henry abriu os olhos e, ainda com o olhar turvo, deparou-se com um amplo espaço onde se encontravam outros feridos. As caras de aflição dos doentes traumatizavam Henry, que se tentava concentrar em arranjar uma maneira de se libertar daquele pesadelo. Enquanto concluía o seu curativo, desenhava na sua cabeça o mapa das ruas de Brighton para poder chegar a casa. Quando o penso ficou pronto, ainda com dores no braço, Henry aproveitou o facto de as enfermeiras se terem retirado e tentou mover-se, discretamente, até à saída mais próxima.

Conseguiu chegar ao exterior do hospital, mas as dores e o cansaço não lhe permitiam reconhecer a rua onde se encontrava. Sentou-se num degrau de escada a recuperar forças, procurando o seu mapa no bolso. Mas não o encontrou... Decidiu seguir numa direção e, lentamente, as memórias das ruas da cidade foram surgindo. Estava convicto de que estava na direção correta.

Ao longe, na rua, brilhava uma luz intensa que lhe guiava o caminho. Cansado, chegou finalmente a casa. Espreitou pela janela e não viu decorações, nem mesmo o presépio de porcelana fina que costumava ornamentar a mesa da sala. Apenas a sua mulher, sentada na cadeira de baloiço a rezar o terço, ocupava aquela divisão. Sem esperar mais, bateu à porta com a força que ainda lhe restava. A mulher, curiosa pela visita inesperada, correu para entrada. Mal abriu a porta e viu Henry, a sua face cobriu-se de lágrimas, abraçando-o terna e eternamente. Henry, com a roupa em farrapos e enquanto se agarrava à sua amada, perguntou:

- Já não se celebra o Natal nesta casa?

A mulher, acariciando o seu braço lesado e coberto com ligaduras já desfeitas, respondeu-lhe:

- Não se celebra o Natal sem a família!

Sófia Verona